



O SUJEITO EMPREENDEDOR DA MODERNIDADE NO MEIO VIRTUAL E SUAS CONEXÕES COM O NEOLIBERALISMO

Palavras-Chave: Neoliberalismo, Modernidade, Ideologia, Redes sociais, Análise do Discurso

Autor: Cauã Miguel Furquim - IFCH - UNICAMP

Orientador: Prof. Dr. Fábio Mascaro Querido – IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Contemporaneamente, como verificado pela crescente vendas de material físico e virtual do gênero, desde livros a cursos online, denota-se a ampla capilarização e popularização na dimensão das redes sociais, de influentes contas e personalidades, difundidores de um discurso lastreado na exaltação de valores contemporâneos e contíguos a de um léxico neoliberal. Termos chaves como os de empreendedorismo, flexibilidade, *coaches*, *mindset* e dentre outros amiudadamente mobilizados no universo mitológico que mitifica tal discurso destas personalidades públicas, são reputados na investigação da pesquisa, como alinhados com a visão de mundo idealizada pelos pressupostos do neoliberalismo hegemônico na ordem capitalista atual. Um neoliberalismo, não meramente como orientação política e econômica, mas igualmente, artífice da normatização de certas convenções, práticas, valores e mundivisões que se estendem e colonizam variegadas esferas da existência humana, isto é, um novo tipo de racionalidade a condição humana histórica. Na atual investigação, o objeto interpelado, circunscreve-se a partir deste amplo quadro propalado, no que concerne ao formato digital, ao canal de publicação e ao interlocutor específico, no influenciador virtual autointitulado “O Primo Rico” e seus conteúdos produzidos para o Youtube, contemplados como heurísticamente ideais para o tensionar do empírico com o repertório teórico percorrido. Tal-qualmente, a figura pública mencionada, prova de um grassar conspícuo, dado o seu número de seguidores, os quais excedem os seis milhões no momento da redação deste texto.

Sob essa ótica, elege-se um horizonte teórico para a investigação, balizado majoritariamente pela demanda do debate e conceitualização de duas concepções fulcrais para este trabalho: o neoliberalismo concebido por essas perspectivas e, respectivamente, o sujeito ideológico por ele engendrado. Referente à primeira questão, articula-se às reflexões dos sociólogos, filósofos e pesquisadores franceses, Pierre Dardot e Christian Laval, acerca do neoliberalismo, especialmente na abordagem arquitetada no livro “A Nova Razão do Mundo”, que consoante ao título, pleiteia o neoliberalismo como uma forma original de subjetivação na história da humanidade, e destarte, operário da noção por eles urdida do “*neosujeito*” (Dardot;Laval, 2016). Segundo os pensadores, destoando do sujeito fabricado pelo alto modernismo, de estirpe utilitarista, calculador e produtivo, o neoliberalismo idealizaria e reproduziria o *neosujeito* pela generalização e legitimação da lógica empresarial, em seu modelos e princípios, para todas as realidades da condição humana, desde a governabilidade e pressupostos da política, até relacionamentos interpessoais e subjetivos,

como axioma dominante.

Perscrutando uma análise plural, interseccionando marxismo, psicanálise e outros múltiplos autores como Foucault, a forma de conduta objetivada pelo neoliberalismo nesta dissertação dos autores, é conjecturada por este trabalho, como plenamente comunicante com o conteúdo dos discursos levantados pelas personalidades supracitadas, de maneira em que seja moldado e patrocinado uma “sociedade de direito privado” para a esfera pública, concatenado ao “indivíduo-empresa” para as práticas e crenças privadas (Dardot;Laval, 2016). Uma nova ontologia existencial, portanto.

Prosseguindo, no domínio do segundo conceito a ser desenvolvido, o do sujeito, mobiliza-se nesta pesquisa, a acepção de ideologia – e, conseqüentemente, do sujeito implicada pela mesma – do filósofo marxista francês, Louis Althusser. Sob a égide da Ideologia a moda de uma socialização lacaniana, isto é, decorrida de uma alienação especular com o Outro, espécie de monumento espelhado, no qual o indivíduo é assujeitado a sua imagem idealizada, em um determinismo com essa racionalidade ideológica dominante, e portanto, se inserindo no mundo sociosimbólico vigente, com os valores dominantes deste imaginário incutidos em sua subjetividade (Althusser, 1999). Outrossim, coroando o atributo de uma existência material a Ideologia, uma vez que essa reprodução dos valores hegemônicos, a alienação especular, sucede por intermédio dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) como a instituição escolar, familiar, política e outros âmbitos sociais, cujas convenções, práticas e normas estruturam uma profusão de sujeitos e seus *ethos*, modos valorativos de se relacionar com a realidade, ou seja, suas condições materiais de existências (Althusser, 1999).

Aqui, localiza-se o ponto de fuga do trabalho, ao convergir ambas teorias, pois se Dardot e Laval pressupõe um sujeito neoliberal – o neosujeito – ideado pelo capitalismo em vigor na modernidade, sujeito este que estabelece uma conduta idiossincrática, aos moldes empresariais na sua racionalidade, ainda de que haurido de uma base conceitual de autores relativamente distantes, tem em sua essência, uma proximidade com o funcionamento do sujeito althusseriano. Deste modo, o estudo intentou-se inquirir se nos discursos de produtores de conteúdo digital, como “O Primo Rico” na situação deste empreendimento, resguardam afinidade com os alicerces do *neosujeito* proposto pela teoria de Dardot e Laval, e proporcionalmente se os trâmites deste fenômeno da idealização de um sujeito e sua conduta e filosofia, são harmônicos com a teoria do assujeitamento ideológico althusseriana.

METODOLOGIA:

Precipuamente, utilizando de um método qualitativo, a pesquisa direcionou-se e foi encabeçada a um procedimento de levantamento e revisão bibliográfica extensiva e de pendor exploratório, sucedido pela leitura dos autores arregimentados, julgados pertinentes para o debate. Não se limitando aos nomes primários, uma miríade de teóricos foi articulada, intencionando gerar um debate polifônico e denso, não se furtando de intersecções e contrapontos nas interpretações das categorias centrais da discussão, como o conceito de ideologia, discurso, neoliberalismo e modernidade/pós-modernidade. Em um segundo momento, o manuseio do material empírico de dados coletados, foi guiado por estes mesmos referenciais teóricos, interpelando os discursos concretos, com o acervo conceitual edificado pelo lograr das leituras e as hipóteses iniciais relativas às mesmas, e norteadas por um complexo de questionamentos como fio condutor, com o fito de apreender os pontos nevrálgicos do discurso.

No entanto, no que tange ao nível metodológico, o principal dispositivo teórico-analítico no trato do material sistematizado, foi o método da Análise de Discurso, particularmente embebida de fontes da linha francesa da mesma, advinda de autores como Pêcheux (1995). A Análise do Discurso, como método, permitiu que o foco heurístico da análise do que fora obtido, restrinja-se majoritariamente, não apenas no conteúdo em si do discurso, nem na personalidade de quem o profere, privando-se de um trabalho hermético e semiótico, mas sim essencialmente na estrutura que compõe objetivamente as determinações históricas, políticas e sociais dos “pré-construídos” ideológicos daquele discurso (Orlandi, 2008) possibilitando assim realizar bem-sucedidamente, o que foi construído até aqui ao tensionar o repertório teórico, com a empiria abordada. Logo, houve pretensão de inteligir mediante o particular recortado, um panorama geral do fenômeno social, sem fragmentar todo o dinamismo das dimensões envolvidas e interrelacionadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A fins didáticos e de sintetização, seria possível categorizar as faces centrais do debate cerzido e suas conclusões, em dois vetores. Ambos, contornados pela dinâmica interacional do posicionamento, entre o produtor de conteúdo do canal – O Primo Rico – e seu público alvejado. Em relação a primeira protrusão a um índice de observações, há a categoria que reafirma e expande as hipóteses iniciais e conjecturas do projeto, denunciando a presença discursiva de um apregoar de determinadas condutas, cuja racionalidade e motivação atrelada a certos valores – objetos nodais nesse empenho de uma sociologia compreensiva – estão coadunados com a generalização do modelo empresarial e suas leis no gerir das ações e relações cotidianas. Como exposto em Dardot e Laval (2016) fundamentos estes, ancorados em competitividade nas interações, da valorização subjetiva equivalente ao manuseio de um capital visando a lucratividade, da internalização de um supervisionamento de metas e objetivos a serem cumpridos pelo próprio agente, sem necessidade de estruturas externas o inspecionando exaustivamente, sendo mensurados quantitativamente pelo próprio. Concepções estas, que estão invariavelmente assentes em regras e preceitos econômicos, financeiros e mercadológicos, transmutando um guia de investimento de uma bolsa de valores, a preceitos da ação humana em geral no palco social, que se metamorfoseia em uma alquimia de passivos e ativos.

Comentários de seus seguidores, como o redigido por um internauta em um de seus vídeos mais populares: “...*Não é sobre quantidade de dinheiro, é sobre hábito e disciplina.*” são sintomáticos e descortinam a legitimação de tal paradigma, no qual o horizonte final é o do gerenciamento do sujeito, de suas ações e relações, como se manejasse uma empresa, um capital a frutificar (Dardot;Laval, 2016). Os conselhos e ensinamentos ministrados, focam-se em hábitos cotidianos, nas decisões corriqueiras, as quais são vendidas como capazes, em ensejos contundentes, da possibilidade autônoma de transformação do mundo do indivíduo a depender apenas da própria administração adrede, do valor de seu corpo individual, que é dispositivo apto de rendimento ilimitado na produção e satisfação dos desejos, em um itinerário para o sucesso, como valor último.

Um discurso que equaliza a todos o público assujeitado, em um plano homogêneo diante das obrigações, onde como pontuado pelos autores: “...Nenhuma deficiência de nascença ou de ambiente pode ser obstáculo intransponível ao comprometimento pessoal com o dispositivo geral.” (Dardot;Laval, 2016). É esta abertura que possibilita a frequente condenação a “vitimismos” ou o questionamento da realidade de óbices e dificuldades no caminho ao sucesso como ordinária inadimplência, ao excederem a dimensão da ação e

determinação individual do empreender, alegando questões sociais, econômicas, culturais ou de identidade de gênero, racial, étnica. Desvalidas, pois não há diferença qualitativa entre capitais, apenas numérica. Basta querer, retificando a premência para o discurso empreendedor, do cultivo da substância meritocrática, um emblema da Sociedade do Cansaço, teorizada por Han (2015) arraigada em discursos promotores de uma plethora de positividade, do eclipsar das barreiras e posições delimitadas, pela preconizada aptidão ilimitada de produção e gozo dos indivíduos frente aos seus estímulos e vontades. Fantasias volúveis, veleidade generalizada do dote, narrativas de sujeitos como potencializados no transformar-se ilimitadamente, desde que haja a ambição e o esforço para tal, que os impelem a ininterruptamente programar-se com a linguagem do crescimento, esgotando suas energias e mortificando qualquer oportunidade de reflexão profunda, em um fluxo contínuo de estímulos hiperativos externos. “O normal não é mais o domínio e a regulação das pulsões, mas sua estimulação intensiva como principal fonte de energia” (Dardot;Laval, 2016) a presença de comentários que dispõem de sentenças como “*Trabalhar/gerar dinheiro enquanto os outros dormem*” são sinalizadores neste sentido.

Eis aqui portanto, um assujeitamento ideológico, visto que os indivíduos se relacionam no sistema simbólico de um outro, produtor de um discurso de poder, no qual se reconhecem como sujeitos, ocupando sua posições específicas, e colateralmente, adotando práticas, atos e credos espelhados na interpelação dos mesmos como idealização deste *neosujeito*, ainda que isto deforme suas condições concretas de existência (Althusser, 1999). Outrossim, consoante com teorias como as de Jameson (1997) acerca da cognição do sujeito da pós-modernidade, a incapacidade de um mapeamento da totalidade em que está se locomovendo espaço-temporalmente no mundo social, em uma dimensão ininteligível e fragmentada dos sentidos e concepções. Isto, pois, na mitigação da força simbólica da mediação da conscientização pela classe, dardejada a totalidade do sistema, como núcleo do capitalismo e o trabalhador como centro, sujeito-objeto da reprodução (Lukács, 2018) a categoria predominante na identificação dos indivíduos em sua sociabilidade, é deslocada ao grupo, uma vez que ostentando-se mais flexível e atrativo nas suas promessas e signos, permite a permeabilidade de indivíduos com condições díspares, desde que possuidor do comportamento, hábito e capital simbólico que o reconheça como empreendedor, um investidor, ainda que isto vá de contramão com a coerência de sua posição nas coordenadas sociais daquela cartografia cognitiva.

Sob este arcabouço, torna-se perceptível no desdobramento da enunciação do agente e na captação e reações de seus ouvintes, traços da conceituação do intradiscorso, da AD francesa pecheutiana (Pêcheux, 2016), na qual o conteúdo da sentença assoma-se como evidente, um pré-construído, emanado da subjetividade e conhecimento técnico, desenvolto e imparcial do falante. Tal percepção dissimula este discurso, como produto de um interdiscorso específico, vinculado a uma formação discursiva e ideológica, anterior ao enunciador, que demonstra condições históricas e sociais objetivas da produção da carga semântica e densidade dos termos, ocultando o agente obreiro concreto desta “verdade”. Neste caso, com liames a um discurso pertencente às classes altas, aos decanos do mundo financeiro, apologistas do mercado e grandes corporações, como no libelo de autores como Harvey (2005) no neoliberalismo como projeto de classe e um empreendimento de amplitude, baseado na reorganização da esfera social e política, ao timbre da ordem competitiva de mercado.

Acerca do segundo vetor, interpretado como negativo em face das hipóteses iniciais, é frutífero ressaltar, como contraste e movimentação das perspectivas dialéticas do objeto, a figuração significativa, de uma série de comentários que apontam a criticidade perante tal discurso. Posicionamentos e manifestações dos seguidores em determinadas publicações,

expõe uma resistência a reprodução deste tipo de sujeito e a exequibilidade de sua conduta. Seções povoadas por requerimento de conselhos e dicas “*compatíveis com a realidade de um brasileiro*” configuram indícios de uma captação original, na ingerência de ideologias traduzidas e advindas de contextos distantes, uma reinterpretação das mesmas, sob um olhar mais crítico. Ou, postulado por autores, como Paulo Eduardo Arantes (1992) sobre o “nosso funcionamento ideológico manifestamente anômalo” no revolver das contribuições de Schwarz nos seus estudos acerca da obra machadiana. O que poderia ser transcrito em uma perspectiva epistemológica qualitativamente divergente e privilegiada, oriunda dos países do sul global, periféricos, destrancando margens de resistência.

CONCLUSÃO:

Em suma, entende-se que o objeto de estudo é imprescindível para o esclarecimento de tendências medulares da realidade brasileira contemporânea em relação às transformações em devir neoliberais. A pesquisa, permitiu observar e mapear, amparada pelo arcabouço teórico e do dispositivo analítico, um tratar dos dados coletados e sistematizados, que auxiliaram no aprofundamento do estudo das características estruturantes dessa modalidade de discurso, seus condicionantes objetivos, seu canal e fórmula de difusão e as polissêmicas possibilidades de recepção e assujeitamento, arando o quadro para futuros projetos engajados na matéria. Houve uma confirmação majoritária das hipóteses, na qual o sujeito idealizado no discurso do agente circunscrito e a recepção do seu público, é simile do *neosujeito* de Dardot e Laval, padecendo de um processo paralelo ao de assujeitamento ideológico althusseriano e sendo eivado de sintomas simétricos com o diagnóstico das consequências da modernidade/pós-modernidade de autores mobilizados na pesquisa.

BIBLIOGRAFIA:

ALTHUSSER, Louis. Sobre a Reprodução. Editora Vozes, Petrópolis. 1999.

ARANTES, Paulo Eduardo. Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Cândido e Roberto Schwarz. Editora Paz e Terra, 1992.

DARDOT, P.; LAVAL, C.. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Editora Vozes; 1ª edição (1 janeiro 2015)

HARVEY, David. O Neoliberalismo: História e Implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FREDRIC, Jameson. Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

LUKÁCS, Georg. História e Consciência de Classe. Editora WMF MARTINS FONTES: 3 Edição - 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 2016.